

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

A INDUSTRIALIZAÇÃO COMO FATOR DE
DESENVOLVIMENTO E A PARTICIPAÇÃO DO SENAI NO
PROCESSO EM UBERLÂNDIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco I Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

AMÉLIA DONIZETTI CASAROTTI BORGES

Abril/2002

1.600

S. 9
(c)

AMÉLIA D. CASAROTTI BORGES – 3972457-0

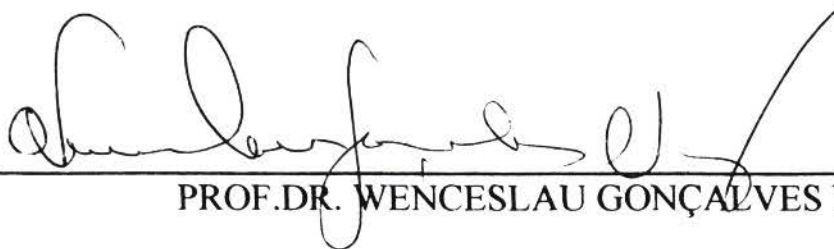
**A INDUSTRIALIZAÇÃO COMO FATOR DE
DESENVOLVIMENTO E A PARTICIPAÇÃO DO SENAI NO
PROCESSO EM UBERLÂNDIA**

Trabalho apresentado como exigência para conclusão do Curso de Bacharel em História da Universidade Federal de Uberlândia.

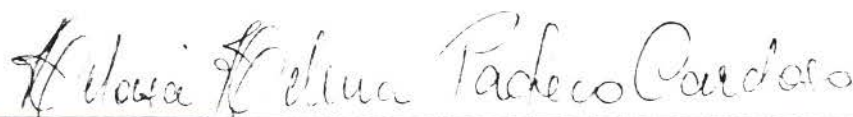
Orientador: Prof. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto.

Uberlândia – Abril/2002

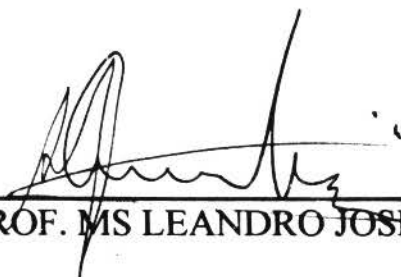
BANCA EXAMINADORA



PROF.DR. WENCESLAU GONÇALVES NETO



PROFª DRA HELOÍSA HELENA PACHECO CARDOSO



PROF. MS LEANDRO JOSÉ NUNES

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I

- A Industrialização brasileira	06
- A industrialização mineira	10
- O processo de industrialização em Uberlândia	16

CAPÍTULO II

- CNI, FIEMG, SESI, SENAI: Entidades voltadas à indústria.....	19
- A criação do SENAI: Fornecimento de mão-de-obra especializada à indústria	23

CAPÍTULO III

- O SENAI em Uberlândia.....	28
- Áreas de atuação do CETAL	35
- Áreas de atuação do CFP	38
- Outras áreas de atuação do SENAI	42

CONCLUSÃO	45
------------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA	47
---------------------------	-----------

FONTES	48
---------------------	-----------

Este trabalho fundamentou-se em minha própria experiência de vida, pelo fato de ter iniciado profissionalmente em uma fábrica e estar nesse segmento até então.

Apesar de trabalhar na área administrativa, a vida na fábrica, o operar das máquinas, a produção em série, chamavam minha atenção, fazendo sempre considerar a sabedoria humana em criar equipamentos e metodologias que traziam desenvolvimento e progresso ao mundo, à humanidade.

Ao concluir esse estudo, não posso deixar de agradecer, primeiramente a Deus pela oportunidade de colher mais um fruto na árvore do conhecimento.

Sou profundamente grata ao meu marido, Abraão, que muito me incentivou, tanto para retornar aos estudos, quanto no auxílio para que esse meu desejo se concretizasse. Por outro lado, supriu nossos filhos com sua presença e carinho, quando precisei estar ausente. Agradeço, ainda, aos meus próprios filhos, Cássia e Pedro, que souberam entender os momentos em que não pude estar ao seu lado, quando não havia possibilidade de lhes dar a atenção necessária. A oração dos três me auxiliou a chegar até o final e me fortaleceu nos momentos em que me sentia desanimada.

Meu sinceros agradecimentos também à minha mãe Maria e minhas irmãs Neuza e Divina, que, além de me apoiarem, também me ajudaram no cuidado às crianças.

Não posso me esquecer dos colegas de turma. Cada um teve sua participação nessa caminhada, inclusive aqueles que, tendo sido tolhidos da vida, não puderam chegar ao final para juntos celebrarmos essa vitória.

Finalmente, agradeço aos professores, especialmente ao meu orientador, Wenceslau, que soube entender exatamente aquilo a que eu me propusera escrever e que, com paciência e carinho me deu o direcionamento correto para que esse trabalho chegasse a bom termo.

A todas as pessoas, que, direta ou indiretamente me ajudaram, o meu muito obrigada.

INTRODUÇÃO

Como exigência para a conclusão do curso de Bacharel em História pela Universidade Federal de Uberlândia, apresento este trabalho, cujo tema central é a industrialização.

No primeiro capítulo, procuro recuperar a industrialização brasileira, as dificuldades iniciais, as crises, os projetos políticos, os estados que se destacaram. Enfatizo o Estado de Minas Gerais, seu atraso e posterior recuperação. Destaco Belo Horizonte, capital Mineira, e também a cidade de Uberlândia, seu desenvolvimento, progresso e emergência.

O primeiro impulso industrializante deu-se na década de 1940, época de guerra, grandes transformações e desafios. Nessa época já existia uma média de 50.000 fábricas recenseadas e quase 800.000 mil trabalhadores se empregavam ali, sendo a taxa de crescimento industrial de 11,2% ao ano.

Entretanto, para que houvesse de fato um desenvolvimento industrial, um importante fator exigia solução imediata: a formação de mão-de-obra para o setor. E para sanar essa lacuna, o empresariado brasileiro lançou uma idéia arrojada. Inspirados no bem sucedido projeto do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, Euvaldo Lodi, então presidente da CNI_Confederação Nacional da Indústria, e Roberto Simonsen, presidente da FIESP-Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, idealizaram uma solução análoga para o parque industrial brasileiro. Assim, o empresariado brasileiro assumiria os encargos e a responsabilidade na organização e direção de um organismo próprio subordinado à CNI.

E é disso que trata o capítulo dois: a história do SENAI e seu papel no desenvolvimento industrial, tendo em vista que a Instituição foi criada com o propósito de fornecer mão-de-obra especializada às indústrias. A educação profissional se destacava como importante fator para o desenvolvimento do país, e o SENAI, desde o início procurou atender a essa necessidade emergente.

Ainda na década de 40, destacavam-se as indústrias de base e a Instituição investiu em cursos de metal mecânica. Também foram incentivadas as indústrias de transformação, o setor de peças para veículos cresceu, foram construídas as primeiras refinarias.

Era o segundo surto de industrialização chegando e prometendo mais expansão para a década de 50. O SENAI também diversificou suas atividades. No final de 1949, seus cursos já atendiam os principais segmentos industriais, numa média de 58 escolas e 20.000 matrículas por ano.

Na década posterior, 1950, iniciada por Getúlio Vargas e concluída por Juscelino Kubstichek, o país já possuía combustível, aço e indústria automobilística. Criou-se o BNDE-Banco Nacional de Desenvolvimento, a Petrobrás e duas novas siderúrgicas.

Como consequência do plano de metas para a indústria, criado por Juscelino, se expandiram os setores de metal mecânica, eletricidade, gráfica e têxtil. Nessa década, o SENAI fez acordos com organismos internacionais, dentre eles, a Organização Internacional do Trabalho. Seus técnicos começaram a ser formados no exterior e a trazer para cá as novas tecnologias. Por esta causa, a Instituição acabou por servir de modelo para criação de organizações similares na Venezuela, Argentina, Chile e Peru.

O início da década de 1960, trouxe ao Brasil uma crise política e econômica, entretanto, o setor industrial já se mostrava forte, e, para enfrentar a crise, a indústria precisava ser ainda mais competitiva. O país era o nono produtor mundial de veículos e o SENAI avançou fornecendo mais cursos inovadores.

O fim da política monetária restritiva, a redução de juros, a injeção de crédito na economia, a retomada de investimento, levaram o povo brasileiro a assistir uma nova fase. Parecia um milagre e é assim que foi chamado: o milagre econômico dos anos 70. Como resultado, o PIB brasileiro encerrou a década em oitavo lugar no ranking mundial. O parque industrial já era o décimo segundo do mundo. Quanto ao SENAI, o número de matrículas já alcançava a marca de 570.000.

Em 1980, o milagre brasileiro chega ao fim. A taxa de inflação era manchete nos jornais. Mas o parque industrial já se mostrava consolidado e começa a crescer o setor de informática. Parece que o motor dos novos tempos era o conhecimento. Até o final da década, o SENAI já podia assessorar a indústria brasileira nos campos de tecnologia de processos, de produtos e de gestão.

Hoje, ano de 2002, o SENAI está completando seus sessenta anos, estando na presidência da CNI o Senador Fernando Bezerra. No decorrer desse tempo, a Instituição se modernizou, tendo implantado a administração estratégica em todas as unidades. Criou os Centros Nacionais de Tecnologias-SENAITEC's e os Centros Modelos de Educação Profissionais-CEMEPE's, atingindo a meta de 2.300.000 matrículas ao ano.

Finalmente, no terceiro capítulo, destaco a importância do SENAI em Uberlândia, desde seus primórdios até aos dias atuais. A Organização cresceu e evoluiu em nível nacional, tornando-se, inclusive, exportadora de serviços. A

Unidade em Uberlândia não ficou para trás. São inúmeros os cursos oferecidos, serviços, assistência técnica e tecnológica. Assim, um dos objetivos desse trabalho é proporcionar à comunidade uberlandense, aos trabalhadores e estudantes, um maior conhecimento a respeito da Instituição e do seu trabalho.

Acredito ter sido gratificante despendo meu tempo nesta pesquisa, pois a mim mesmo trouxe crescimento, edificação e maior prazer à leitura. Pelo fato de trabalhar atualmente no SENAI, pude contar com ricas fontes de pesquisa, que muito me auxiliaram nesse trabalho.

**“A obra e história do SENAI sempre se
confundirá com a obra e história da in-
dústria”. Senador Fernando Bezerra**

CAPÍTULO 1

A INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA

***Industria** é palavra latina cuja antiga forma presume que tivesse o significado de 'atividade secreta', ms passou a ser 'zelo, atividade' e, no plural, 'esforços deliberados, voluntários'. O derivado **industrius** significava 'zeloso, ativo, atento', oposto a **ignavus** 'inativo, frouxo, mole, preguiçoso'; daí, **industriosus** 'ativo, laborioso, diligente, que custou ou demandou trabalho'.¹

O sonho da industrialização brasileira data do início do século XIX, com a abertura dos portos e a liberdade de indústria. Em 1808, quando o Brasil se libertou do regime colonial, mas sob a tutela do Estado, houve a primeira tentativa de industrialização, de acordo com Nícia Vilela Luz². Nas décadas finais, pequenos núcleos urbanos e cidades começaram a se expandir, aparecendo, ainda, novos centros urbanos.

Entendendo o significado da palavra *indústria* como sendo a transformação da matéria-prima num produto final pronto para o consumo imediato, podemos dizer que as primeiras indústrias que surgiram no Brasil foram os engenhos de açúcar, que acabaram por constituir uma aristocracia rural: os senhores de engenho.³

Ainda no século XIX, vimos a predominância da lavoura cafeeira. Com a decadência da mineração e de produtos como o açúcar e o algodão, e, ainda, com o aumento do consumo do café pelos Estados Unidos, a produção no Brasil cresceu muito. Produzido inicialmente nos Estados do Rio de Janeiro e São

¹ HOUAISS, Antônio. *Arte e Indústria*. P. 9

² LUZ, Nícia Vilela. *O luta pela industrialização do Brasil*. P. 13

³ HOUAISS, Antônio. *Arte e Indústria*. P. 13

Paulo (região do Vale do rio Paraíba), expandiu-se posteriormente para o Oeste Paulista (Campinas até Ribeirão Preto), espalhando-se pelo sul de Minas Gerais, atingindo, mais tarde, o Paraná.

À medida que a mão-de-obra escrava foi sendo substituída pela imigrante e livre, também em decorrência de um sistema de transporte mais eficiente com a construção de estradas de ferro, mecanização parcial da produção, financiamento da lavoura, a economia cafeeira passa a ter um caráter capitalista.

Em São Paulo, seguiu-se ao desenvolvimento urbano, um significativo crescimento industrial. Muitos produtores de café começaram a investir seus lucros em atividades industriais, desde que o café havia gerado experiência empresarial e, também, poupança para futuros investimentos nas indústrias. Isto porque os cafeicultores conseguiram com o governo um acordo, através do qual o Estado, de qualquer forma, comprava toda sua produção. Aconteceu em certas fases, dessa produção chegar ao dobro de todo o consumo mundial do produto, entretanto, mesmo assim, era adquirida pelo governo. Aqui começa a surgir uma burguesia e um operariado industrial, pois as divisas obtidas com o café eram direcionadas à instalação de fábricas.

Como nos demais países da América Latina, a economia do Brasil caracterizou-se como primário-exportadora. O País *“era uma colônia destinada a fornecer ao comércio europeu alguns gêneros tropicais, de grande expressão econômica”*, marra o historiador Caio Prado Júnior. E prossegue dizendo *“é para isso que se constituiu e nossa economia subordinar-se-á, por isso, inteiramente a tal fim, isto é, se organizará para produzir e exportar aqueles gêneros”*.⁴

⁴ PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*.

Esse modelo exportador viu sua decadência na década de 20. Em consequência da crise mundial do capitalismo, ocorrida por causa da superprodução da indústria americana, o Brasil deixou de exportar milhões de sacas de café, e assim, pela primeira vez, a renda agrária ficou aquém da renda industrial.⁵ A partir daí, o país essencialmente rural, passou a avançar para a concentração populacional nos grandes centros.

Fator marcante desta época foi também a urbanização. Havia grande número de imigrantes (italianos, espanhóis, etc), cuja fonte de ganho era o trabalho assalariado na agricultura. Entretanto, grande parte se desiludiu com o trabalho no campo e partiu em busca de novas oportunidades de vida nas cidades. A maioria desses imigrantes serviu de mão-de-obra para o setor industrial. Assim, antigas vilas brasileiras foram transformadas em cidades modernas, como no caso da capital paulista, onde foi estimulado o comércio e outras atividades paralelas.

O pós-guerra trouxe ao Brasil uma nova política de desenvolvimento, cuja base era a industrialização. Juscelino Kubistscheck, com seu lema “50 anos em 5”, faria com que o desenvolvimento se desse de forma acelerada. De acordo com José Serra, um fator marcante do desenvolvimento brasileiro, respeita ao papel do Estado como mola propulsora da industrialização.⁶ Seriam feitos investimentos nos setores de energia e transporte, sendo que o primeiro abrangeria os setores de carvão, energia nuclear, petróleo; para o segundo, reequipar e construir estradas de ferro, rodagem, fluvial e aéreo. Mais tarde priorizou-se as estradas de rodagem. Além do binômio energia e transporte, haveria investimentos, também, em saúde e educação. Tudo isso visava aumentar a produção e consolidar o capitalismo no Brasil.

⁵ COTRIM, Gilberto. *História e Consciência do Brasil*. P. 248

⁶ SERRA, José. *Ciclos e Mudanças Estruturais na Economia Brasileira do Pós-Guerra*. In: *Desenvolvimento Capitalista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, p. 56-121

No Plano de Metas, cujo tripé apoiava-se no capital estatal, capital estrangeiro e capital privado, previa-se investimento a partir de 1953 até 1959 e queda da inflação a partir de 1956. Em 57, quando a maioria das metas tivessem sido cumpridas, haveria, então, a queda da inflação e a expansão do desenvolvimento. Entretanto, o que ocorreu foi que a inflação acompanhou o desenvolvimento e mesmo quando esse começou a cair, aquela continuou a crescer. Nesta fase, a condição de vida da população era péssima em virtude da carestia que se instalou.

A prioridade eram os bens duráveis e a indústria pesada, sendo o ramo principal, a indústria automobilística. Todo esse processo para acumulação de capital, visava ao desenvolvimento do país, sem o qual, o mesmo estaria fora do contexto internacional.

Surgem, então, diversas vertentes econômicas: o nacionalismo econômico, que julgava ser vital o capital estrangeiro; o nacionalismo radical, que defendia a substituição das importações e não permitia a entrada de capital estrangeiro; o nacionalismo desenvolvimentista, que aceitava o capital estrangeiro, desde que controlado pelo estado. Vargas optou pelo modelo nacional-desenvolvimentista, a intervenção estatal na economia.

O nacionalismo desenvolvimentista fez surgir uma certa igualdade de pensamento entre a classe trabalhadora, a burguesia industrial e as forças armadas, pois se apoiava no desenvolvimento, termo que possuía um significado diferente para cada uma delas, mas ambas previam um futuro melhor.

No tocante à crise financeira, esta não foi empecilho para a produção industrial, que continuava a crescer, tanto em bens de capital quanto de consumo, fator que nos remete à substituição de importações, que, *desde a década de 30, é o ponto*

central de todo o processo industrializante brasileiro, de acordo com Wenceslau Gonçalves Neto.⁷ Esse processo vê seu esgotamento no início da década de 1960, sendo que a expansão da produção industrial, entre 1955 e 1961 foi inegável, com um crescimento da ordem de 80%.⁸

Quando se trata de certos temas com relação ao Brasil, parece que a tendência é sempre considerar o eixo São Paulo-Rio de Janeiro, e mesmo a história da industrialização brasileira, envolve uma pluralidade de experiências regionais irredutíveis à via paulista.⁹

Apesar da concentração industrial nesses dois estados ter acontecido realmente, a industrialização mineira merece destaque e é sobre ela que trataremos agora.

A INDUSTRIALIZAÇÃO MINEIRA

Embora a industrialização tenha ocorrido retardatariamente, a economia mineira acabou por ingressar numa acelerada recuperação. *Ela sobreviveu ao processo de abertura e se aperfeiçoou.*¹⁰ Em 1940 montou-se a primeira cidade industrial com a construção de Contagem. O governo da época acreditava que a industrialização era a única saída para que o atraso econômico fosse superado e onde a empresa privada não correspondia às expectativas, deveriam ser implantadas empresas estatais.

Na década de 1950, apoiando-se no binômio “Energia e transporte”, empreendeu-se esforços para a construção da infra estrutura necessária. É válido

⁷ GONÇALVES NETO, Wenceslau. *Estado e Agricultura no Brasil*. P 24

⁸ CARVALHO, Rosana Areal de. *Uberlândia nas décadas de 50 e 60. Suporte para o Desenvolvimento*. P. 36

⁹ Para maior aprofundamento sobre o assunto, ler Otavio Soares Dulci: *Política e Recuperação Econômica em Minas Gerais*

¹⁰ Jornal Correio, p 5, 08/06/1997. Manifestação do Presidente da FIEMG, Stefan Bogdan Salej, em comemoração ao dia da indústria.

lembrar a transferência da capital federal para Brasília, que veio contribuir para superar o isolamento geográfico mineiro.

Minas optava naturalmente pelos setores metalúrgico e de mineração, o que trazia dificuldades técnicas e de transporte e também falta de capital necessário, problemas que afetavam também outras siderúrgicas nacionais. Em que pese todos esses problemas, torna-se necessário mencionar a dimensão espacial do estado mineiro, que dificultava o sistema de comunicações, que impedia a unificação do mercado.

Entretanto, quando Minas se preparava para uma expansão mais acentuada, a crise econômica de 1960 acabou frustrando esse projeto, provocando a descapitalização da indústria e a concentração do capital.

Torna-se necessário destacar a capital mineira no que tange ao seu processo industrial. Desde o início das atividades industriais, surgiram diversas pequenas empresas, que produziam materiais de construção. Caracterizavam essas indústrias ter sua produção voltada para o mercado interno, utilizar matérias primas provenientes do setor primário e, praticamente, não serem mecanizadas, ficando, assim, mais próximas da manufatura do que de uma indústria que conhecemos hoje. Surgiram também estabelecimentos maiores que fabricavam produtos diversos, como cerâmica, bebidas, cartões postais, processamento de fumos, fabricação de balas e bombons. Algumas empresas se destacam como representantes dessa fase: Lunardi & Machado, o Estabelecimento Industrial Mineiro, o Empório Industrial.

Belo Horizonte se apresentava como um gigantesco empreendimento, com possibilidades econômicas de nova capital, o que atraía grande população até ali. Para atender à demanda, foram surgindo pequenos empreendimentos industriais

voltados para o consumo popular. Eram pequenas fábricas de carroças, artigos de vestuário, padarias, cerâmicas, fábricas de arreios, curtumes, tipografias, caldeirarias, funilarias, cervejarias, enfim, tudo que suprisse as necessidades da crescente população. O mercado consumidor era promissor, as centenas de funcionários públicos e suas famílias, possuíam nível salarial relativamente alto. Como a cidade ia se estruturando e os meios de transporte e comunicações tornavam possível o intercâmbio entre Belo Horizonte e as demais regiões do Estado e do País, houve também maior desenvolvimento do setor industrial, tendo como principal contribuição o pequeno capital dos imigrantes - italianos, portugueses, espanhóis e de outras nacionalidades (em menor escala) - e nos incentivos oferecidos pela Prefeitura. Os Prefeitos Municipais incentivaram o estabelecimento de indústrias para fortalecer a economia da cidade e concretizar o objetivo do governo mineiro de transformar a nova Capital no centro da economia estadual.

Em 1902, o Prefeito Bernardo Monteiro baixou o Decreto n.º 1.516, "regulando a concessão de terrenos a indústrias, associações e a venda a particulares". Na apresentação do Decreto ao Conselho Consultivo, o Prefeito prevê um próspero futuro industrial para Belo Horizonte:

"A necessidade de desenvolver indústrias incipientes e de criar novas, impõe-se ao espírito dos que desejam o engrandecimento da Capital, e assim obedecem ao pensamento do legislador, que decretou a sua edificação, desejoso de abrir um novo centro de trabalho, onde o comércio e a indústria encontrassem campo vasto para se auxiliarem numa reciprocidade de favores, que oferecesse garantias eficazes de futuro certo e seguro.

Além do concurso permanente que nela mora - o funcionalismo público - para o seu aformoseamento e valorização, entendi de meu dever atrair o capital

*estrangeiro, para isso fazendo concessões, que surtindo o desejado efeito, me permitem anunciar o próximo estabelecimento de uma importante fábrica, o início portanto de um novo período de esforços e engrandecimento da cidade, que com verdadeiro prazer, verifico todos os dias. Embora não seja a Capital um núcleo bastante populoso, a sua situação em relação a diversas zonas do Estado, já consideráveis mercados de consumo, legitima a possibilidade de ser ela um centro industrial."*¹¹

Entretanto, a Zona Industrial dentro da área urbana da cidade, ou seja, no Barro Preto, não oferecia condições para se instalar indústrias pesadas, devido ao espaço que era limitado. Por outro lado, a instalação da Cia. Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda (RJ), veio causar uma grande frustração para os mineiros, cada vez mais conscientes da necessidade de garantir para Minas os benefícios da indústria extrativa, para a qual o estado foi historicamente vocacionado.

Novamente vemos a atuação do Governo do Estado, que, ao assinar o Decreto n.º 770, de 20 de março de 1941, tinha como objetivo impulsionar o desenvolvimento e consolidar Belo Horizonte como principal pólo econômico do Estado. Esse Decreto criou a Cidade Industrial, na localidade de Ferrugem, município de Betim. Embora tenha demorado a se consolidar, a Cidade Industrial representou um marco fundamental do processo de industrialização de Belo Horizonte.

O que o Governo fez foi desapropriar uma área de 770 hectares, lotear, promover o arruamento. Também desviou as linhas da E. F. Oeste de Minas e da Central do Brasil, facilitando o acesso ao local. Os terrenos foram arrendados às

¹¹ MONTEIRO, Bernardo Pinto. Mensagem ao Conselho Deliberativo da Cidade de Minas, encaminhando o Decreto n.º 1.516, de 02 de maio de 1902. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1902.

empresas que tivessem um projeto de construção, e, somente com a conclusão das obras em prazo determinado, tomariam posse dos mesmos. Findo esse prazo a área retornaria ao Estado, caso as obras não tivessem ocorrido. Para viabilizar a implantação de grandes indústrias, construiu a Usina de Gafanhoto no Rio Pará, durante o período da II Guerra.

A inauguração da Cidade Industrial deu-se em 1946, mas poucas empresas foram instaladas lá antes da década de 50. Destaca-se, entretanto, o pioneirismo da Estamparia S/A, que começou a produzir no mesmo ano da inauguração da Cidade Industrial.

Na década de 1940 houve o início do movimento de transferência de indústrias da área urbana de Belo Horizonte para os municípios vizinhos, o que iria se intensificar no final dos anos 60, com a transferência para os demais municípios da região metropolitana, buscando espaços adequados para a expansão de suas instalações. Por isso, falar do desenvolvimento industrial de Belo Horizonte implica necessariamente em falar de Contagem e, à partir dos anos 60, da Região Metropolitana.

Quando, em 1952, o Governador Kubitscheck cria a CEMIG, garante a alavancagem do processo iniciado nos anos 40, uma vez que havia oferta de energia farta e barata para as indústrias. Nesse mesmo ano é lançada a pedra fundamental da Cia. Siderúrgica Mannesman, a qual começou a produzir tubos sem costura a partir de 1956¹².

¹² Em 07 de novembro de 1999, em entrevista ao Jornal Estado de Minas, Marco Antônio Castello Branco, presidente da Mannesmann no Brasil, avalia que os *"investimentos alemães ajudaram a construir a indústria de base mineira e agora acompanha a evolução do Estado e apóiam também a expansão da produção de bens duráveis"*.

A soma de todos esses fatores - energia (CEMIG), transportes, ação política do Estado e dinamismo empresarial - fizeram com que os anos 50 se constituíssem na década de ouro da industrialização de Minas. É também o período em que a construção civil se destaca, tendo importantes representantes em Belo Horizonte. Vê-se que as construtoras mineiras conseguiram um alto nível de competência técnica, e tiveram seu capital aumentado no período JK, reforçadas pela construção de Brasília. Também os setores de móveis e de aparelhos elétricos tiveram destaque em Belo Horizonte nos anos 50. A Indústria de Móveis Minart se sobressaiu, transformando-se na principal indústria de móveis de Minas, fornecedora da classe A, de grandes empresas e órgãos estatais que se transferiram para o Distrito Federal.

É ainda nessa época que se expandem as indústrias Gardini, Orsini, Luna e Cimbra, fabricantes de fogões e geladeiras.

Nos anos 70¹³, acontecem grandes transformações. Chegam empresas multinacionais de bens de capital, e ainda outras inúmeras indústrias, que se beneficiaram de incentivos na área mineira da SUDENE.

O marco principal dos anos 70 foi a instalação da FIAT Automóveis, de capital italiano, a primeira montadora a se implantar fora do eixo Rio-São Paulo. O vulto do empreendimento, localizado nas proximidades de Belo Horizonte, e seu sucesso empresarial, representou o maior ganho da década para a economia do Estado.

¹³ DINIZ, Clélio Campolina. Estado e Capital Estrangeiro na Industrialização Mineira. Belo Horizonte: UFMG/Proed, 1981. Cap. 1.

O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO EM UBERLÂNDIA

Destacando a cidade de Uberlândia, as terras eram originalmente habitadas pelos índios Caiapós¹⁴ e não tinha a preferência do governo mineiro, instalado em Ouro Preto, pois o fluxo migratório buscava minerais, e, por isso, se dirigia ao Centro-Oeste, pois o Triângulo Mineiro, então Sertão da Farinha Podre, não os tinha. Entretanto, com a diminuição dos garimpos e o nascente interesse voltado para a produção agropecuária é que a região começou a ser ocupada de forma mais objetiva e também com o ciclo do café, estabeleceu-se aqui uma ligação maior com São Paulo.

Em 1816 o Sertão da Farinha Podre foi anexado à província das Minas Gerais, época em que já estava bastante adiantado o processo de desocupação das terras pelos índios. Nesta mesma época, está em campanha pelo Governo da Província a ocupação dessa vasta área.

Em Maio de 1852, foi criado o Distrito de São Pedro de Uberabinha, elevado a Freguesia em 1857 e, finalmente, a município em 31 de Agosto de 1888, passando a se chamar Uberlândia, em 1929.

Os anos finais do século XIX e os primeiros século XX, trouxeram algumas novidades ao município: a instalação de estradas de ferro pela Companhia Mogiana (1895) e a inauguração da luz elétrica (1909), com capacidade para atender uma população de 35.000 habitantes, quando, na ocasião, não havia atingido a marca dos 10.000.

¹⁴ Final do século XVIII e início do século XIX

Nas décadas de 1930 e 1940, a região do Triângulo Mineiro e principalmente Uberlândia, tiveram desenvolvidas suas atividades agropecuárias e incrementou-se o crescimento imobiliário.

Em 1950, destacando-se o surto da industrialização, Uberlândia recebeu investimento no setor, beneficiada pela sua localização estratégica e, principalmente, a partir de 1960, com a construção de Brasília.

A concentração de infra estrutura logística e operacional, criou condições para implantação de seu parque industrial, processo que se iniciou na década de 1970, quando a cidade ganha o Distrito Industrial, fato que vem firmar de maneira mais efetiva seu processo de industrialização. Até então, existia apenas a Cidade Industrial, inaugurada em Setembro de 65.

O parque industrial de Uberlândia tornou-se um dos maiores do Estado. No curto período de 1988 a 1990, registrou-se um crescimento industrial de 6,8%.

Nas últimas duas décadas, esse processo foi ampliado, com a vinda de empresas como a Souza Cruz, quarto grupo privado do país, que instalou aqui a maior fábrica de cigarros da América Latina. A Cargill, que, dentre suas mais de mil fábricas ao redor do mundo, tem em Uberlândia sua maior unidade. A Braspelco, maior curtume do país e o primeiro em exportação de couro da América do Sul. Sem falar de empresas propriamente uberlandenses, como a Sadia Rezende Alimentos, que se destaca com um dos principais grupos do setor de alimentos do Brasil. O grupo Algar, com mais de vinte empresas na área agro alimentar e de tecnologia da informação, forma um dos maiores grupos privados do país.¹⁵

¹⁵ FITA DE VÍDEO: UBERLÂNDIA – O CENTRO DO PROGRESSO BRASILEIRO. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo.

De acordo com documento da Prefeitura Municipal de Uberlândia, em 1990 a indústria representava 65% da economia da cidade. Em 1993, a participação da indústria no ICMS recolhido era de 50%.

Atribui-se à indústria, o desenvolvimento acelerado que Uberlândia presenciou nos últimos anos, colocando o município em posição de destaque a nível nacional. Nesta mesma época, segundo dados da Prefeitura Municipal, já existiam na cidade cerca de 3052 indústrias.

CAPÍTULO 2

CNI, FIEMG, Sesi, SENAI: ENTIDADES VOLTADAS À INDÚSTRIA

“Não há mais lugar no mundo para as nações que ficam estagnadas. A evolução econômica é um imperativo para sobreviver. E somente a inteligência aplicada ao trabalho oferece a segurança de que necessitam os povos.” Euvaldo Lodi

Até agora falamos sobre o processo de industrialização no Brasil, dando relevância ao Estado de Minas Gerais, destacando a capital mineira e também a cidade de Uberlândia.

Com o crescente desenvolvimento da indústria, surgiu a necessidade de mão-de-obra especializada para atendê-la, o que levou o governo brasileiro a criar uma entidade responsável por patrocinar cursos de especialização a fim de oferecer às indústrias tal recurso. Essa entidade é o SENAI-SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL. Porém, antes de abrangermos de forma mais complexa essa entidade, falaremos de seus antecedentes.

Torna-se necessário trazer ao conhecimento do leitor a respeito da FIEMG-Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais. Foi criada em 1933, época em que foram lançadas as bases para o desenvolvimento do sindicalismo patronal no Estado. A Casa da Indústria nasceria, então, com o objetivo de congrega todos os industriais do Estado, com unidade de vista que é a de defender os legítimos interesses da indústria mineira, propugnando pela sua

grandeza e desenvolvimento, e tendo como corolário do progresso da indústria o soerguimento econômico de Minas Gerais.

Na visão de Otávio Soares Dulci, a FIEMG, em seus primórdios, foi um órgão dinâmico e coeso, que mais tarde, sofreria mudanças em sua estrutura, tornando-se vulnerável a interferências políticas externas, e, ainda, postando-se na defensiva diante do ímpeto do movimento sindical.¹⁶ Entretanto não nos propomos, neste trabalho e neste momento, analisar criticamente esse ponto.

Em 2002, 69 anos após, a FIEMG aglutina 128 Sindicatos Patronais, representantes dos mais variados segmentos fabris. Na gestão de Stefan Bodjan Salej, 1995-2001, foram criados e incorporados 10 Conselhos Regionais de desenvolvimento Industrial (CRDI), coordenados pelos sindicatos das indústrias, e espalhados por regiões estratégicas do território mineiro. Os CRDI's cumprem a função de induzir uma maior interação dos diversos níveis de representação da indústria mineira com os municípios, onde estão suas bases.

Quando de sua posse em 1995, o presidente Salej foi enfático ao dizer que “A FIEMG tem três prioridades: educação, educação e educação”.¹⁷

O Sistema, através de suas entidades, FIEMG, CIEMG, SESI, SENAI E IEL, tem o compromisso de tornar o Estado de Minas Gerais cada vez mais produtivo e competitivo, conquistando seu lugar nos cenários nacional e internacional.

Os serviços desenvolvidos pelo sistema FIEMG abrangem setores diversos nas áreas de Desenvolvimento Empresarial, Educação e Tecnologia, Ação Social e

¹⁶ DULCI, Otávio Soares. *Política e recuperação econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1989

¹⁷ Revista Minas Educação, p 40, 02/11/1997

Relações Internacionais. São centenas de Postos de Trabalho em Minas Gerais, desenvolvendo ações em prol das empresas, seus trabalhadores e dependentes.

Para cumprir os seus propósitos e alcançar os seus objetivos, o Sistema FIEMG está estruturado em entidades que planejam, implementam, coordenam, acompanham e avaliam todas as ações desenvolvidas no âmbito interno, com desdobramentos e reflexos positivos em amplas faixas da vida de Minas e do povo mineiro. Atualmente conta com 2938 funcionários distribuídos em todo o estado.¹⁸

O SESI, Serviço Social da Indústria tem por missão prestar serviços sociais voltados à melhoria da qualidade de vida de sua clientela, estimulando a responsabilidade social da empresa, com vistas ao desenvolvimento sustentável.

Foi criado em 1946, com o objetivo de prestar assistência ao trabalhador e sua família, nas áreas de educação, saúde, esporte, lazer, cultura, cooperação e assistência jurídica. Idealizado pelo empresariado brasileiro reunido na Conferência de Teresópolis (RJ), em 1945, teve suas bases delineadas na Carta da Paz Social e visava melhorar as condições de vida do trabalhador da indústria, para deter o avanço do comunismo, após a vitória Aliada na II Guerra Mundial. A proposta do SESI era de que trabalhadores e empresários deveriam se unir em nome da solidariedade e da paz.¹⁹

O SESI, organização não governamental, de direito privado, foi criado e organizado por uma geração de industriais da Confederação Nacional da Indústria, entre os quais Roberto Simonsen, Euvaldo Lodi e Américo René

¹⁸ PIMENTA, Cleuza Lúcia. Estilos de Liderança e seus impactos nos resultados da Equipe. Belo Horizonte, UFMG, 2000. Monografia apresentada ao curso de Especialização em Gestão Estratégica

¹⁹ PIMENTA, Cleuza Lúcia. Belo Horizonte, UFMG, 2000. Monografia apresentada ao curso de Especialização em Gestão Estratégica

Giannetti, através de lei sancionada pelo presidente Eurico Gaspar Dutra. O SESI, que nasceu como um esforço pela Paz Social, é a expressão do pensamento social da indústria brasileira e está indissolivelmente ligado à valorização do homem, sob a estrela da assistência, identificando-se com a ética cristã.

O SESI de Minas Gerais é, pois, vinculado à FIEMG e foi criado, oficialmente, em 07 de Março de 1947, com a instalação do seu Conselho Regional. Minas Gerais, à época com sete milhões de habitantes, era um Estado ainda de predominância rural, com o parque industrial incipiente. O projeto estava imbuído da inspiração do esforço em favor da paz social, um ideal almejado tanto pelos empresários quanto pelos trabalhadores.

No dia 7 de Março de 1947, seria instalado o Conselho Regional do Serviço Social da Indústria de Minas Gerais, instância maior encarregada de reger os trabalhos no Estado, e a primeira preocupação deste Conselho foi promover estudos para a elaboração e implantação de projetos de programas de ação social nos municípios de maior concentração industrial.

Atualmente, o Departamento Regional do SESI em Minas Gerais, mais conhecido como SESIMINAS, tem buscado, através do estabelecimento de importantes parcerias, o fortalecimento do segmento produtivo industrial nos municípios mineiros e a união da capacidade tecnológica de SESI.

A ação do SESI e SENAI se estende por todo o Brasil sob o comando da CNI-Confederação Nacional da Indústria, sendo que a Federação das Indústrias de cada Estado brasileiro constitui um Departamento Regional, encarregado de executar o programa em seu respectivo Estado. As diretrizes gerais partem do

Departamento Nacional, mas os Estados possuem autonomia suficiente para desenvolvê-las.

A CRIAÇÃO DO SENAI: FORNECIMENTO DE MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA À INDÚSTRIA

Entretanto, como destaque para este trabalho foi escolhido o SENAI-Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, exatamente por ter sido criado com o objetivo de organizar e administrar escolas de aprendizagem em todo o País, preparando alunos que, posteriormente, seriam encaminhados aos estabelecimentos industriais.

Tendo sido criado em plena segunda guerra mundial, alguns aspectos da época podem explicar os motivos de sua criação: a incipiência do parque industrial brasileiro, a escassez da produção de aço e de energia elétrica, a falta de petróleo e ainda, a precariedade dos transportes e das comunicações eram fatores impeditivos do desenvolvimento industrial. Além disso, importava-se quase tudo em consequência das dificuldades de abastecimento por causa da guerra. Esse fato levou o Brasil a se lançar no processo de industrialização. Entretanto, o número de operários qualificados era reduzido, o que levou o presidente Getúlio Vargas e líderes empresariais brasileiros a lutarem pela criação de uma instituição destinada a suprir mão-de-obra especializada para a indústria.²⁰

A lei criadora do SENAI dizia que a instituição seria mantida através da contribuição das indústrias filiadas a ela. Rezava também, que essas indústrias obrigavam-se a empregar aprendizes e menores totalizando 8% do número de seus operários, e ainda matriculá-los nas escolas mantidas pelo SENAI.

²⁰ MOURÃO, Eliana. *A Mágica das Reuniões*. P 27

Assim, a assinatura do Decreto-Lei nº 4048, em Julho de 1942, criando o SENAI, caracterizou-se como uma vitória, tanto dos industriais do país quanto do governo federal.

Euvaldo Lodi, presidente da Confederação Nacional da Indústria e também presidente nato do SENAI²¹, nomeou diretores para vários Departamentos Regionais²², tendo sido designado para Minas Gerais, o engenheiro Roberto Hermeto Corrêa da Costa, então com 26 anos de idade.²³

De forma modesta o SENAI começou em Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte, em instalações alugadas à Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais. Roberto Hermeto fez um contrato com Alcindo Vieira da Silva, diretor da Universidade. O primeiro tinha muito interesse nesse acordo, para que pudesse aproveitar as excelentes oficinas e salas de aula. Assim, foi possível o oferecimento imediato de cursos preparatórios e também aperfeiçoamento de operários para a indústria.

²¹ Mineiro, Lodi se destacou no cenário político da época. Trabalhou na construção de estradas, na exploração de minas de ferro e de carvão e na instalação de fornos metalúrgicos em Minas Gerais. Fundou uma usina siderúrgica em Caeté e dirigiu várias empresas dos ramos siderúrgico, metalúrgico e têxtil. Na década de 1920, tornou-se presidente do Centro Industrial de Juiz de Fora. Transferindo-se para o Rio de Janeiro integrou, entre 1931 e 1936, o conselho diretor da Federação Industrial do Rio de Janeiro-FIRJ. Dedicou-se, nesse período, juntamente com Horácio Lafer e Vicente Galiez, à organização de sindicatos patronais em todo o país, em nome do Centro Industrial do Brasil-CIB. Participou dos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, para a qual foi eleito como um dos dezessete representantes dos empregadores, a partir de novembro de 1933. Sua atuação legislativa estendeu-se até 1937, quando o Estado Novo fechou o parlamento. Nessa nova fase político-econômica da vida nacional, redobrou sua energia em prol do desenvolvimento industrial do país. Foi um dos organizadores da Confederação Nacional da Indústria. Elegeu-se deputado federal por Minas Gerais em 1947 e reelegeu-se três anos depois. Presidiu a Comissão Econômica para a América Latina-CEPAL e a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, além de integrar o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas. Ocupou a presidência da CNI até 1954, ano em que voltou ao Congresso como deputado por Minas Gerais.

²² Os métodos educacionais adotados pelo SENAI, seriam os mesmos aplicados pelo Centro Ferroviário de Ensino Profissional-CFESP, motivo pelo qual, a maioria dos diretores eleitos fizeram ali um estágio, antes de iniciarem seus trabalhos, entre eles, Roberto Hermeto.

²³ Hermeto esteve à frente da Direção Regional do SENAI EM Minas Gerais, por quatorze anos, tendo despedido-se para ocupar novas funções no Departamento Regional. Deixou instaladas onze escolas.

Entretanto, como projeto novo que era, apresentaram-se logo as dificuldades. Era necessário contratar pessoal especializado, principalmente instrutores, professores e diretores de escola. Além disso, outro grande problema a ser enfrentado referia-se à resistência dos empregadores ao cumprimento de determinações legais quanto à matrícula de menores nos cursos do SENAI e, também, a evasão dos alunos²⁴. A entidade tomou então, o encargo de esclarecer os benefícios que os empregadores teriam com o engajamento do trabalho de formação do operariado, havendo a cooperação do Departamento Regional.

Após minucioso estudo das necessidades mineiras, partindo do ponto de que as escolas de aprendizagem deveriam ser construídas nos locais de maior concentração industrial, concluiu-se que as primeiras seriam em Belo Horizonte, Juiz de Fora, Nova Lima e Sabará.

Eliana Mourão, em seu estudo sobre o SENAI, nos faz saber que, nessa época, o parque industrial de Belo Horizonte tinha cerca de 25.000 operários, sendo a indústria muito variada. Essa variedade industrial via-se também em Juiz de Fora²⁵, onde proliferavam fábricas de ladrilhos, de banha, café moído, cerveja, cimento. Entretanto, destacava-se a indústria têxtil e foi onde se instalou a primeira usina hidrelétrica de América do Sul.²⁶

Assim, os primeiros cursos oferecidos foram de solda elétrica, artes gráficas, fundição, tecelagem e fiação, tornearia, eletricidade, ajustagem e mecânica de autos.

²⁴ De acordo com Eliana Mourão, a evasão era causada, principalmente, pela fadiga dos operários após cada dia de trabalho na indústria.

²⁵ Sobre a trajetória industrial de Juiz de Fora, ver DULCI, Otávio Soares. *Política e Recuperação Econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1989

²⁶ MOURÃO, Eliana, *O desafio vem das montanhas*. A autora, em seu trabalho, faz alusão ainda às cidades de Nova Lima e Sabará, onde as escolas do SENAI foram inauguradas também em 1945.

Apesar das dificuldades, a instituição foi se firmando gradativamente. Tanto empresariado, quanto entidades de classes e até mesmo o povo, aos poucos foram percebendo as vantagens que o ensino técnico poderia trazer para a comunidade.

Mourão assinala que a arrecadação de 1948 foi muito superior à dos anos anteriores, criando a possibilidade da construção de uma nova escola com recursos próprios. Em 1950, já haviam sete escolas do SENAI em Minas Gerais.

Como desde o início a política da entidade era perseguir as modificações e adaptações para que o ensino atendesse às necessidades da indústria, continuava o SENAI mantendo essa mesma política.

Em 1953, ocorreu o reaparelhamento das escolas com equipamentos mais adequados e também sofreu alterações o regime de frequência dos alunos, tentativa essa de diminuir a evasão²⁷. Também os instrutores passaram por cursos de aperfeiçoamento. Era o início da busca da qualidade.

A partir de 1962, até meados de 1989, a administração do SENAI passou às mãos de Afonso Greco²⁸. Foi um período de transição, desafio, progresso e modernização para a entidade. A partir de 1969, as escolas de aprendizagem do SENAI passaram a denominar-se Centros de Formação Profissional.

Novas escolas foram instaladas. Ao completar trinta anos de existência, o SENAI de Minas já havia desenvolvido uma estrutura significativa de trabalho.

²⁷ Nessa época, as causas da evasão foram relacionadas aos problemas econômicos e a própria condição social dos aprendizes, de acordo com pesquisas realizadas pelo Departamento Nacional

²⁸ Vinte e sete anos de uma mesma administração, fizeram que o nome de Afonso Greco se confundisse com o da própria instituição. *Senai é com o Greco*, dizia já o presidente da FIEMG, Fábio de Araújo Motta. MOURÃO, Eliana. *O Desafio vem das Montanhas*. Belo Horizonte, SDC, 1989.

Eram doze as unidades que se espalhavam pelas cidades mineiras, pólos de desenvolvimento industrial: Belo Horizonte, Contagem, Juiz de Fora, Nova Lima, Sabará, Uberaba, Cataguases, Itajubá, São João Del-Rei, Itauna e Ponte Nova.

Várias empresas mantinham convênio com a entidade: Cia Siderurgia Belgo-Mineira, Companhia Ferro Brasileiro, Companhia Vale do Rio Doce, Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais, Mineração Morro Velho S/A, Acesita, Companhia Aços Especiais Itabira, Centrais Elétricas de Minas Gerais e Construtora Mendes Júnior.²⁹

De 1973 a 1976, instalou-se em Belo Horizonte indústrias de porte, como FIAT, GM, dentre outras, modificando a posição do SENAI. Criava-se a exigência de um contingente maior de pessoal qualificado. Iniciou-se uma demanda também, na área de assistência técnica, resultado da criação de uma nova estrutura voltada exclusivamente para o atendimento às empresas industriais nessa faixa de serviço.

Pipocavam os Centros de Formação Profissional: mais um em Belo Horizonte, Varginha, Venda Nova, Divinópolis, Santa Luzia, e, finalmente em 1979, em Uberlândia.

²⁹ Em documento formulado pelo SENAI/Brasília, 2000, a entidade afirma que um dos instrumentos mais valiosos para a realização de seu trabalho são os parceiros. De associações de bairro a grandes centros internacionais, ainda assembleias legislativas, câmaras de vereadores e conselhos comunitários das periferias das cidades, todos têm sua parcela de importância na realização dos programas que a organização implementa.

CAPÍTULO 3

*Quando o Sistema FIEMG trabalha pelo desenvolvimento da indústria investindo em ações promovidas por suas Unidades CRDI, SESI, SENAI, NOT e IEL, projeta um futuro promissor.

Quando o Sistema FIEMG e os sindicatos patronais na região do Vale do Paranaíba fazem pela indústria, também fazem por Uberlândia'.³⁰

O SENAI EM UBERLÂNDIA

Em 1959, Uberlândia sediou o “II Congresso Regional de Desenvolvimento Industrial”. Várias decisões foram tomadas neste congresso, visando o desenvolvimento da indústria uberlandense. Foi criada a comissão permanente de defesa dos interesses de Uberlândia, marcando, definitivamente, o início das ações em prol do desenvolvimento industrial³¹.

Entretanto, uma dessas decisões chamou a atenção dos empresários e demais lideranças: decidiu-se que, tendo como apoio o Conselho Estadual de Economia e Administração do Estado de Minas Gerais, seria solicitado ao SENAI-Divisão Nacional, a implantação de uma Escola SENAI em

³⁰ Jornal Correio, p B44, 31/08/1999. Propaganda em comemoração aos 111 anos de Uberlândia.

³¹ *Informações Básicas sobre Uberlândia*. Prefeitura Municipal de Uberlândia, 2000. De acordo com esse documento, o segundo impulso desenvolvimentista de Uberlândia é exatamente a industrialização. O primeiro impulso deve-se à inauguração, em 1895, da Cia Mogiana de Estrada de Ferro, trecho Uberaba/Uberabinha (antigo nome de Uberlândia)/Araguari; construção da ponte Afonso Pena sobre o rio Paranaíba, em Itumbiara, possibilitando a ligação do Triângulo Mineiro com o Sudoeste Goiano, em 1909; inauguração da Cia Mineira de Auto Viação Intermunicipal, em 1912. Essas três ações, dentre outras, possibilitaram a primeira alavancagem no desenvolvimento de Uberlândia.

Uberlândia.³²

Em resposta à solicitação feita pelo Conselho à Administração do SENAI-DN, a fim de atender à necessidade de formação de mão-de-obra especializada para integrar o quadro de operários das indústrias aqui sediadas, firmou-se importante convênio entre o Ministério da Educação e a Secretaria de Agricultura do Estado de Minas Gerais, objetivando a instalação de uma Escola Vocacional e de Aprendizagem Industrial em Uberlândia.

A meta de implantação da Escola Profissionalizante do SENAI em Uberlândia, não foi prontamente atingida, mas também não caiu no esquecimento, ficando à espera para ser concretizada.

Os sindicatos, o Prefeito e a Associação Comercial de Uberlândia, muito investiram nessa aquisição.

O Prefeito Municipal, Sr. Virgílio Gallassi, dirigiu ao Dr. Fábio de Araújo Motta³³, o Ofício de nº 04/72, *informando que Uberlândia estava qualificada, oficialmente, como “Polo de Desenvolvimento Interestadual de 1ª grandeza, sendo Centro Geo-econômico e Distrito Industrial do Estado”*.³⁴ Informava, também, que um número de 300 indústrias em operação, faziam parte de seu parque industrial, além de mais de uma dezena sendo implantadas e vários projetos programados, tendo o setor industrial no exercício de 1971, registrado índice médio de crescimento na ordem de 42%, ou seja, quase 3 vezes a média

³² *A Construção do Homem: memorial seis anos*. Sistema FIEMG, 1994, p 81. De acordo com o documento, as prefeituras de todo o Estado, buscam a instalação de uma Unidade Operacional do SENAI em seus municípios, visando com isso acelerar sua industrialização, seu desenvolvimento e seu progresso social. Uberlândia não fugiu à regra.

³³ De 1960 até seu falecimento em 05/09/1983, Fábio de Araújo Motta viveu na cidade de Araxá/MG. Nesse período foi presidente da FIEMG e diretor do SESI. Ocupou, ainda, outros cargos de destaque, como: Juiz Regional do Trabalho da 3ª. Região, Presidente do Conselho Regional do SENAI e Vice-Presidente da CNI-Confederação Nacional da Indústria. Foi um dos grandes incentivadores da criação do SENAI em Uberlândia. Em Janeiro de 1983 ocorreu a inauguração do Centro de Formação Profissional/CFP-Uberlândia, que, em 1982 passou a denominar-se Centro de Tecnologia em Alimentos-Fábio de Araújo Motta.

³⁴ SALDANHA, Mila. *Um sonho realizado*. Histórico do SENAI/Uberlândia, 2000

do mesmo setor no Estado de Minas Gerais. Era urgente a necessidade de qualificação da mão-de-obra local, para ampliação do mercado de trabalho e atendimento às indústrias.

Em 30 de abril de 1973, o Dr. Fábio de Araújo Motta, remeteu ao Sr. Cesar Rodrigues, Presidente do Conselho do SENAI-MG, uma cópia do Of. de nº 467/73 do Sr. Layrton Borges de Miranda Vieira, Assessor do Governador do Estado para Assuntos da Educação, em que era solicitado em nome do Sr. Governador, a instalação de um Centro de Formação Profissional em Uberlândia, em convênio com o CINTER/Uberlândia, baseado nos estudos efetuados pela Assessoria, ULTRAMIG e SENAI-MG.

Em resposta a esse ofício, o Sr. Cesar Rodrigues informou que o SENAI-MG planejava atender Uberlândia em suas reivindicações mas, por questões de prioridades em obras do SENAI-DR/MG, estaria sujeito à previsão de recursos. Assim, a Instituição demonstrava sinais de interesse em atender aos apelos e reivindicações locais para realizar esse sonho.

Apesar do interesse da Instituição em atender à solicitação, não houve nenhuma resposta sólida para a efetivação. Em razão disso, todas as forças convergiam para um único objetivo: construção de uma Unidade SENAI em Uberlândia.

Anos mais tarde, precisamente em 5 de maio de 1976, o Vice Presidente da FIEMG Sr. Ney Rosa de Moraes e Presidentes de Sindicatos de Uberlândia, enviaram ao Sr. Afonso Greco, Diretor Regional do SENAI-MG, uma comunicação de que haviam tomado conhecimento do relatório sobre a possibilidade de instalação, em Uberlândia, de uma Escola SENAI, na área de mecânica, informando que o prefeito local estava disposto a colaborar e esperava somente o envio da planta e o plano de custo da obra. Após esse aceno, foi feito um acordo entre a Prefeitura Municipal e a FIEMG para efetivar a

implantação do SENAI em Uberlândia, com previsão para início das obras no mês de novembro do mesmo ano.

Assim, em 1976, o sonho tornava-se realidade. Ficou acordado entre o prefeito da época, Renato de Freitas, lideranças locais e SENAI-DN , que o prédio seria construído em terreno doado pelo SESIMINAS, ficando a responsabilidade da obra dividida igualmente entre a prefeitura municipal e o SENAI. A assinatura do contrato ocorreu na Casa da Indústria, sede da FIEMG em Belo Horizonte.



Início da construção do SENAI EM Uberlândia



Em 27 de janeiro de 1979, foi entregue oficialmente à comunidade uberlandense o Centro de Formação Profissional - CFP-Uberlândia, em solenidade presidida pelo então governador do Estado, Dr. Francelino Pereira dos Santos, que fez o corte da fita e o descerramento da placa comemorativa, juntamente com o Prefeito Municipal, Sr. Virgílio Galassi.” (Relatório SENAI-MG, p. 21)



Primeira portaria do SENAI

Já no mês de Fevereiro iniciaram-se as atividades da escola, sendo que a primeira turma qualificada para a indústria formou-se em dezembro de 1980 e em dezembro do ano seguinte a primeira turma de aprendizagem. Os cursos abrangiam as áreas de mecânica, eletricidade, marcenaria, tornearia e ajustagem.

Na cidade expandia-se o número de indústrias e o SENAI já dava frutos ao produzir mão-de-obra especializada, contribuindo para o desenvolvimento de Uberlândia e geração de novos empregos.

Na década seguinte o Ministério da Educação lançava o “Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico”. Em 1986, o SENAI/MG participava desse

programa nas áreas de Construção Civil, Transportes, Alimentos e Confeção. Entretanto, através de estudos realizados juntos às indústrias e sindicatos regionais, viu-se como prioridade a área alimentar e, por isso, projetou-se a criação de um curso técnico em alimentos. Ainda nesse ano, firmou-se convênio entre o Ministério da Educação e o SENAI/DR-MG para a implantação do curso em Uberlândia. A ênfase seria para processamento em carnes, hortaliças e frutas, em nível de pós segundo grau.

Esse passo foi de fundamental importância para a cidade, pois, além da formação de técnicos para as indústrias de alimentos, poderia ser oferecida também, assistência técnica e tecnológica e informação tecnológica às empresas do setor alimentício. Mas isso não se restringia apenas a Uberlândia, pois havia possibilidade de atendimento a outras cidades da região, e até mesmo a outros estados.

A partir de 1987, agilizaram-se várias ações para o desenvolvimento do projeto:

- levantamento, em nível nacional, das instituições que atuavam na formação profissional para o setor de alimentos e que poderiam dar subsídio ao SENAI para a implantação do projeto
- Contratação da CETEC-Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais para dar assessoria ao SENAI
- Projeto referente a ampliação do Centro de Formação Profissional/CFP-Uberlândia
- Aquisição de equipamentos e instrumentos destinados aos laboratórios de físico-química e microbiologia, com recursos do MEC

- Detalhamento do currículo em matérias e disciplinas, tendo por base o perfil do profissional a ser formado

Assim, o CFP passaria a abrigar o Centro Tecnológico, denominando-se CETAL-Centro de Tecnologia em Alimentos “Fábio de Araujo Motta”. Tal fato concretizou-se em 1992 e hoje, o CETAL possui um objetivo maior, que é consolidar-se como Centro Nacional de Excelência em Alimentos e também a criação da Faculdade de Engenharia em Alimentos.

Atualmente, a missão do CETAL é *“contribuir para o fortalecimento da indústria e o desenvolvimento pleno e sustentável da região, promovendo a educação para o trabalho, a cidadania e a assistência técnica e tecnológica para a produção e disseminação de informações adequadas à geração e difusão de tecnologia”*. Sua visão é *“dispor de capacidade para atender à necessidade do cliente”*, e o negócio do CETAL é *“atuar no ensino profissionalizante e no desenvolvimento técnico tecnológico”*.³⁵

De acordo com Afonso Greco, ex diretor regional de Minas, *“a criação do SENAI foi para atender à indústria. O Espírito era a renovação da mão-de-obra, havendo uma exigência de que esses aprendizes fossem mantidos no SENAI para indústria”*.³⁶ Entretanto, aos poucos a Instituição foi além desta primeira finalidade. Atualmente, exporta tecnologia e é um modelo operacional copiado por outros países. Em 1999 esteve em Uberlândia, reunindo-se com empresários de indústrias do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, o representante da FIEMG nos Estados Unidos, Glenn Cheney.³⁷

O Jornal Correio relatava que *“A principal função do representante da FIEMG*

³⁵ SALDANHA, Milla. *Um sonho realizado*. Histórico do SENAI/Uberlândia, 2000

³⁶ MOURÃO, Eliana. *A mágica das reuniões*. A mágica das reuniões. História do Conselho Regional do SENAI em Minas Gerais. Belo Horizonte, SENAI-MG/SCD, 1998

³⁷ Correio de Uberlândia, p A7, 25/05/1999

nos Estados Unidos, é intermediar contatos, ajudando investidores, importadores e jornalistas americanos, a encontrarem empresas, produtos, agências governamentais e profissionais estabelecidos em Minas Gerais, com objetivo de trazer investimentos para o País e aumentar o volume de exportações. Glenn Cheney foi contratado pela FIEMG para promover o Estado de Minas no cenário americano e está à disposição de interessados em realizar negócios no Brasil”.

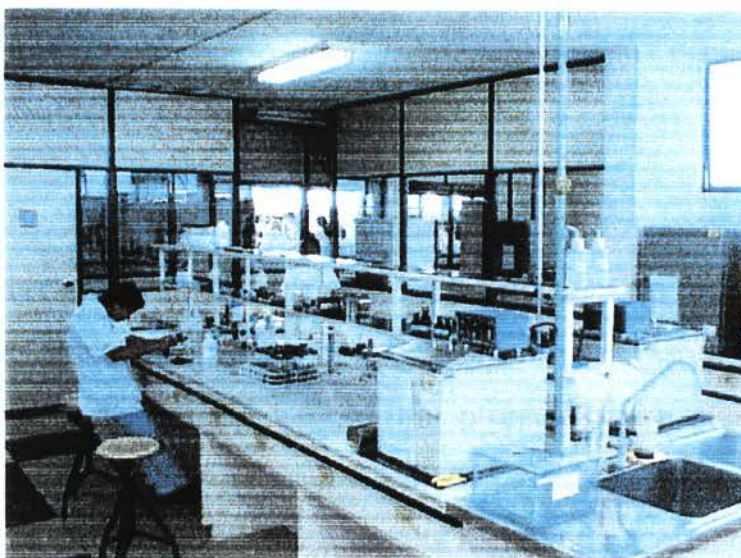
ÁREAS DE ATUAÇÃO DO CETAL

O CETAL, desde sua criação, procura acompanhar o desenvolvimento da indústria mineira. Para tanto, conta atualmente, com as seguintes áreas:

- 1) Meio ambiente: o setor está equipado com laboratório para análise de efluentes e resíduos industriais, prestando serviços de controle de qualidade de águas industriais, potáveis ou de caldeiras. Propõe às indústrias conciliar o desenvolvimento sustentável juntamente com melhores condições de vida para a comunidade. Nesta área, presta também consultoria a empresas para implantação de sistema de gestão ambiental e auxílio a certificação de normas ambientais, ISO 14000. Nesta área, o SENAI/Uberlândia foi escolhido pelo governo canadense para o desenvolvimento de um projeto piloto, criado especialmente para indústrias de alimentos. Esse projeto seria desenvolvido a longo prazo, visando parceria com empresas uberlandeses.³⁸
- 2) Físico-química: o controle de qualidade é fator fundamental em indústrias de alimentos. O laboratório de análises físico-químicas realiza ensaios para setores alimentícios, além de realizar pesquisas, cujos resultados vêm sendo divulgados em congressos e seminários nacionais.

³⁸ Jornal O Triângulo, p 2, 31/03/2000

- 3) **Microbiologia:** Modernos equipamentos compõem esse setor do CETAL, que o torna apto a realizar análises microbiológicas estabelecidas pela legislação brasileira. Por meio de uma caracterização microbiológica dos alimentos, a indústria faz seu controle de qualidade, permitindo gerar medidas corretivas e preventivas. Nesta área o SENAI/CETAL realiza, ainda, treinamento a manipuladores de diversos setores de alimentos.



- 4) **Biotecnologia:** Atualmente, um setor em expansão é a utilização de microorganismos para a produção de alimentos, o que levou o CETAL a criar seu laboratório de microbiologia. Destina-se como embasamento às indústrias que trabalham com biofermentados e destilados. Nesse sentido, dá suporte quanto à análise de processos, treinamento técnico, pesquisa aplicada, consultoria, montagem de projetos.
- 5) **Laticínio:** Esse setor foi também implantado para atender à crescente demanda da indústria de laticínios. O laboratório presta serviços diversos, tais como, pesquisa e desenvolvimento de novos produtos, técnicas para elaboração de produtos convencionais (mussarela, provolone, frescal, iogurte); APPCC-Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle; BPF-

Boas Práticas de Fabricação.

- 6) Panificação: Com base nas necessidades de mercado, foi criada a Planta Piloto de Panificação, com o intuito de qualificar mão-de-obra especializada para o setor, com nível de informação técnica e tecnológica apuradas, como, também, proporcionar aos técnicos em alimentos mais uma opção de área de atuação. O setor visa, ainda, dar à Comunidade e Indústrias, o suporte necessário ao seu desenvolvimento e melhoria da qualidade e aumento de produtividade.
- 7) Planta de carnes: A transformação de alimentos é um processo centenário que visa oferecer ao consumidor produtos diferenciados em paladar e com maior vida de prateleira. Dentro deste conceito, a Planta Piloto de Industrialização de Carnes do CETAL foi projetada para atender, com seus equipamentos e estrutura, a crescente necessidade da indústria em desenvolver processos e produtos com alta tecnologia e qualidade. Para isso, o CETAL conta com esta unidade de processamento que está apta à produção de uma extensa linha de embutidos e defumados cárneos.
- 8) Planta de vegetais: A planta piloto de vegetais industrializa doces, conservas, alimentos desidratados, polpas e sucos e derivados de tomate como catchup e molhos, entre outros. Os alunos do Curso Técnico em Alimentos fazem aulas práticas, nas quais aprendem técnicas de processamento de vegetais, ficando aptos a trabalhar em grandes indústrias alimentícias. As instalações podem ser utilizadas, também, para atendimento técnico às empresas, nos testes de desenvolvimento de produtos e processos, e para treinamento de funcionários.

ÁREAS DE ATUAÇÃO DO CFP

Há que se falar, ainda, do CFP-Centro de Formação Profissional. Além do CETAL, o CFP também continuou em sua missão de crescer e desenvolver em prol da indústria. Destacamos as áreas do CFP:

1) CIM-Manufatura Integrada por Computador: A tecnologia CIM consiste no uso de sistemas de Computadores com o intuito de Integrar o processo de manufatura. Sua implantação disponibiliza as ferramentas necessárias para habilitar o uso de programas organizacionais, como gerenciamento da qualidade total, melhoria contínua, projeto para manufaturamento e projeto para montagem. A integração da informação e organização decorrentes do processo diminuem o tamanho logístico da companhia, principalmente, no gerenciamento, administração e fluxo de informações. As indústrias brasileiras começaram a utilizar o processo CIM, na década de 90, principalmente aquelas dos setores automobilístico, mecânico e metalúrgico.³⁹ O objetivo na implantação do Laboratório de Manufatura Integrada por Computador do CETAL é fornecer treinamentos na tecnologia CIM, além de prestar serviços no desenvolvimento de produtos nas áreas de mecânica.

2) CNC / CAD / CAM: A informática, aliada à mecânica, cria novos conceitos de projeto e a fabricação e os sistemas CAD trabalham na concepção do produto até seu projeto final, e, a Manufatura Auxiliada por Computador-CAM é a ponte entre o projeto via computador e a fabricação. CNC-Comando Numérico Computadorizado, é o método de controle numérico, no qual o computador é ligado a uma máquina - ferramenta para realizar funções de controle. Além dos treinamentos específicos para a área, o laboratório CNC/CAD/CAM pode

³⁹ Jornal O Triângulo, p 12, 07/08/97.

fornecer projetos sob consulta, além de desenvolver novos produtos ou protótipos.

3) Máquinas operatrizes: Os conceitos de metrologia, ajustagem e usinagem são tratados enfaticamente, proporcionando ao treinando uma base sólida para o desenvolvimento de seu trabalho. No laboratório de máquinas operatrizes desenvolve-se trabalhos com equipamentos de relativo porte, desde simples operações de furos até complexas formas de revolução, além de ser o lugar de atuação de desenvolvimento e especificação de vários processos de fabricação.

4) Soldagem: Dentre os diversos processos de união de materiais existentes, o de soldagem é o mais versátil e o de maior produção. Versátil, porque é possível a utilização do processo em infinitas ligas de metais, possibilitando, inclusive, tornar a região soldada mais resistente que o restante da peça. A existência de processos de alimentação contínua tornou a soldagem um processo de grande produção, além de ter possibilitado a automação. O laboratório de soldagem está apto a oferecer treinamento em várias tecnologias de soldagem, capacitando o treinando a optar pela mais adequada.

5) Manutenção Industrial: No laboratório de Manutenção Industrial, o aluno é preparado para planejar e executar a manutenção mecânica, objetivando maior disponibilidade dos equipamentos mecânicos com baixos custos e altos índices de qualidade e segurança. O aluno desenvolve, também, operações práticas de desmontagem, montagem e ajustes em subconjuntos de máquinas, com uma atenção maior para equipamentos que são utilizados pelas indústrias ligadas à vocação econômica da região e à agroindústria. O laboratório visa desenvolver cursos de reciclagem e aperfeiçoamento de mão-de-obra nos diversos segmentos que dão suporte à manutenção industrial.

6) Eletropneumática / Eletrohidráulica: A preocupação com a produtividade tem sido um dos fatores de propulsão do desenvolvimento tecnológico e da crescente automatização dos processos industriais. Com o objetivo de melhorar qualitativa e quantitativamente o que se produz, a automação traz transformações na estrutura da força de trabalho, deixando o homem numa situação mais cômoda, pois ele torna-se um supervisor de tarefas e não mais um executor. Os três argumentos principais para a automação são:

1º) - substituição do elemento humano em trabalhos insalubres e de alta periculosidade e, também, em trabalhos repetitivos, executados em longos períodos;

2º) garantia da qualidade da produção em serviços de precisão;

3º) possibilidade de alterações na produção, ou seja, flexibilidade.

7) Eletrotécnica: A eletricidade é a base para os cursos técnicos de Eletrônica ou formação de profissionais especializados. Nos laboratórios há equipamentos capazes de treinar e desenvolver práticas necessárias a uma formação técnica, consistente e atualizada; há, também, postos de trabalho para montagens que dão aos cursos de eletrotécnica, de máquinas e comandos elétricos e de instalações elétricas industriais e residenciais, uma conotação prática, proporcionando aos treinandos um contato direto com as atividades da vida profissional.

8) Eletrônica analógica: O laboratório de Eletrônica Analógica foi criado para propiciar embasamento prático ao conteúdo específico, considerando que este não poderia ser somente teórico. Eletrônica Analógica é a disciplina fundamental

para o desenvolvimento do treinando nas várias áreas de aplicação da Eletrônica. Além de treinamento, os profissionais do laboratório desenvolvem projetos, produtos, montagens e ensaios de dispositivos que utilizam a tecnologia de Eletrônica Analógica.

9) Eletrônica Digital: No laboratório de Eletrônica Digital são estudados e praticados os fundamentos desta tecnologia, introduzindo o profissional a uma tendência moderna e irreversível. Ainda são explorados os recursos práticos e teóricos de comunicação, controle de dados, dispositivos e sistemas digitais, hardware e software.

10) Eletrônica Industrial: Esse laboratório propicia aos alunos o conhecimento em CLP's, como também, em sistemas de controle de potência de motores CC ou CA. Os profissionais com conhecimento em CLPs são responsáveis pelo controle das máquinas ou linha de produção, enquanto que a formação em motores também os qualifica para o controle de velocidade e acionamentos de motores em geral. Para a formação descrita, os alunos adquirem, dentre outros, os seguintes conhecimentos: Inversores de frequência, controle de velocidade CC, carregadores de baterias, etc. Além disso, adquirem conhecimento prático e teórico dos componentes eletrônicos usados no estágio de saída desses equipamentos. Estes componentes (SCR's, TRIAC's, MOSFET's, IGBT's, etc.), por trabalharem com a mais alta potência, são mais suscetíveis à queima. Portanto, precisam ser bem compreendidos para que o técnico possa efetuar uma manutenção mais segura por ocasião de uma queima.

11) Automotiva: Uma parceria com a Volkswagen do Brasil S.A., MWM e CUMMINS permite ao SENAI ofertar treinamento nas áreas de Automóveis e de Caminhões/Ônibus para toda a Rede de Concessionários Volkswagen; a profissionais e técnicos dos diversos segmentos do mercado de prestação de serviços ligados à mecânica de automóveis, mecânica de Caminhões/Ônibus,

eletricistas, etc. O Setor possui diversos agregados de veículos, tanto de caminhões quanto de automóveis, tais como: Veículos, Motores, Caixas de Câmbio/Transmissões, Eixos, Diferenciais, Freios, Painéis Elétricos, Componentes e Equipamentos. Dispõe, ainda, de ferramentas especiais e convencionais Volkswagen, materiais de apoio, literatura técnica, ferramentas de precisão e para medidas, estando apto a prestar serviços de consultoria técnica e assistência a empresas de manutenção, frotistas e a profissionais da área, de acordo com o Gerente do SENAI, Antônio Marcos Giraldo.⁴⁰

OUTRAS ÁREAS DE ATUAÇÃO DO SENAI

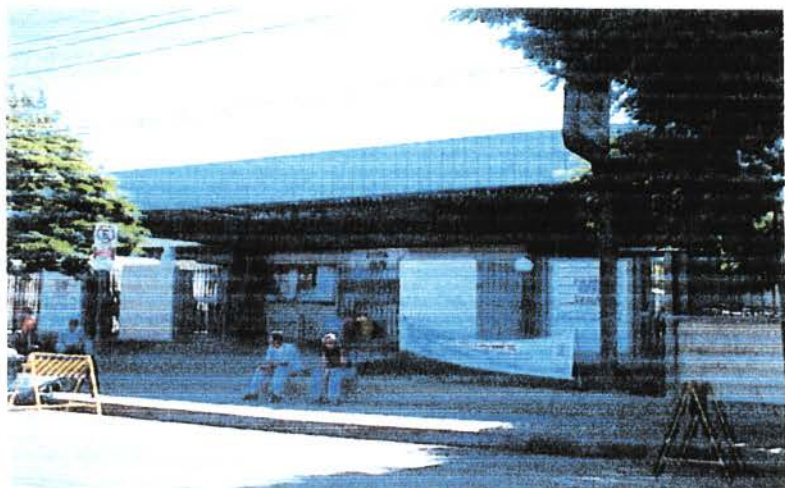
Acredito que o presente trabalho ajudará a comunidade a conhecer um pouco mais essa Instituição e a usufruir de tudo aquilo que ela pode oferecer. Assim, há outras áreas no SENAI/Uberlândia, que também merecem destaque.

- 1) NDI-Núcleo de Documentação e Informação: O NDI possui em sua Base de Dados, um acervo predominantemente voltado para atender ao desenvolvimento da pesquisa tecnológica, assistência técnica às empresas e aos programas de habilitações desenvolvidos pelo Centro Nacional de Tecnologia em Alimentos-CETAL/FAM. Este setor presta e busca informação tecnológica através do intercâmbio com outras instituições, em bases e bancos de dados nacionais e internacionais; faz parte de projetos desenvolvidos pelo SENAI-DN, como o Projeto TESFORPI- Microtesauro Alimentos e é também um posto avançado de venda de normas técnicas.

⁴⁰ Na época em que foi feita a pesquisa, Giraldo respondia pela gerência de toda Unidade do SENAI/Uberlândia. Em Abril de 2001, a FIEMG/Belo Horizonte, julgou por bem dividir o encargo entre os senhores Antônio Marcos e Sérgio Roma Perez. O primeiro ficou responsável pela área de alimentos, CETAL, devido sua larga experiência em indústrias alimentícias e, o segundo, pelo CFP.

- 2) **Construção Civil:** O setor de Construção Civil é um dos novos segmentos do CETAL, qualificando profissionais para atuarem em diversos setores, tais como: pedreiro de alvenaria, acabamento, ladrilheiro, pintor, encanador, armador e eletricista predial e residencial.
- 3) **Modelagem Industrial:** O Setor de Modelagem Industrial conta, desde 1997, com um sistema CAD voltado para a indústria da vestuário. Sua utilização permite a redução drástica do ciclo de desenvolvimento e ampliação/redução de modelagens e realização de encaixes, melhorando a sua qualidade técnica e reduzindo custos de matéria-prima.
- 4) **Informática:** No mundo atual, o conhecimento na área de Informática é indispensável e, em alguns casos, uma questão de sobrevivência. O CETAL mantém em todos os seus cursos regulares disciplinas na área de Informática, preparando o aluno para o mercado competitivo. Além dos conhecimentos básicos em sistemas operacionais, editores de texto, planilhas eletrônica e redes, os alunos também têm acesso a softwares de simulação, editores gráficos e elaboração de programas, entre outras atividades.
- 5) **Empresa Simulada:** A Empresa Simulada é um laboratório de treinamento. Funciona como um negócio na vida real, permitindo ao aluno lidar com todos os procedimentos comerciais, mas com produtos e dinheiro virtuais. Ela desenvolve habilidades gerenciais e o comportamento empreendedor do aluno. É possível interagir com empresas reais, com outras empresas simuladas de outros países, aperfeiçoando as habilidades dos alunos em línguas estrangeiras. A Empresa Simulada é composta pelos departamentos de Contabilidade, Marketing e Vendas, Compras e Estoques, Recursos Humanos, Produção, Movimentação Financeira e Logística. Sendo totalmente informatizada, utiliza-se dos principais softwares de mercado e dispõe de equipamentos com tecnologia de ponta.

Dessa forma, a Unidade SENAI em Uberlândia, vem cumprindo o objetivo da Instituição, que é o de oferecer suporte à indústria, proporcionando o desenvolvimento da cidade, da região, e porque não dizer, também do Estado.



Nova portaria do Senai



Corredor interno da Unidade

CONCLUSÃO

O trabalho procura reconstituir de forma simples, o processo histórico da industrialização, tendo como recorte a década de quarenta e as posteriores, especialmente no terceiro capítulo, que trata da criação do SENAI na cidade de Uberlândia.

A grande explosão de crescimento e da cidade, ocorreu a partir dos anos 50 e, tida como principal fator de desenvolvimento, a industrialização foi um “divisor de águas”⁴¹ entre o município essencialmente rural⁴² e a cidade urbanizada.

Neste contexto, o papel do SENAI em Uberlândia foi de fundamental importância, pois, em 1970, época de sua criação, a cidade já estava em avançado processo de industrialização.

Sob o comando da FIEMG e da CNI, a Instituição nesta cidade contou desde cedo, com o apoio dos políticos e empresários locais, ainda que tal apoio se embasava no interesse do capital.

A Unidade em Uberlândia ampliou, com o decorrer do tempo, suas técnicas de educação profissional, introduzindo novas modalidades de ensino, como educação profissional para adultos, com uma incorporação de parcelas cada vez maior à sociedade.

A exemplo do passado, quando o SENAI nacional ofereceu sustentação à demanda profissional nas diversas etapas da industrialização brasileira, também hoje, o SENAI Uberlândia se mobiliza para prestar assistência técnica e tecnológica, decorrentes da modernização da indústria local.

⁴¹ Ver Nota nº 31, p 28

⁴² Uberlândia nasceu às margens de um ribeirão de águas claras (hoje Av Rondon Pacheco) onde surgiram o primeiro engenho de cana, rocas de fiandeiras e o tear. *Informações Básicas sobre Uberlândia*. Prefeitura Municipal de Uberlândia, 2000, p 8

Em final de Março de 2002, sua rede de laboratórios busca o credenciamento pelo INMETRO, fator que proporcionará maior abrangência ao atendimento às indústrias locais e da região.

Cabe ressaltar que a Instituição, em nível nacional, passou por vários processos de mudança e transformação no decorrer do tempo, algumas impostas, inclusive, pelo governo federal. Podemos citar a contribuição da indústria, que não obedece mais a mesma porcentagem quando de sua fundação. Esse fato tem levado os gestores a perseguirem a auto sustentação.

Por outro lado, o ensino técnico passou a ser visto sob uma ótica diferente. Inicialmente, quando da criação do SENAI, houve certa resistência. Entretanto, como a Comissão Interministerial criada pelo governo para estudar o assunto referente a instituição a ser criada, integrava o ensino técnico ao Ministério da Educação, gradualmente foi se fortalecendo e ganhando prestígio junto a empresários e comunidade.

Concluindo o trabalho, podemos afirmar que Uberlândia é uma cidade emergente, urbanizada, com grau de industrialização satisfatório. Quanto ao SENAI, percorrendo os caminhos da Instituição, percebe-se que a mesma prosseguiu acompanhando o desenvolvimento da cidade, tendo impactado fortemente em seu processo de industrialização.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. *Conciliação, Reforma e Resistência: governo, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50*. São Paulo, USP, 1998 (Tese de Doutorado)
- CARVALHO, Rosana Areal de. *Uberlândia nas Décadas de 50 e 60. Suporte para o desenvolvimento*. São Paulo, USP, 2000 (Tese de Doutorado)
- COTRIM, Gilberto. *História e Consciência do Brasil*. São Paulo, Editora Moderna, 1994
- DELGADO, Ignácio Godinho. *A estratégia de um revés. Estado e Associações Empresariais em Minas*. Juiz de Fora, EDUF JF, 1997
- DINIZ, Clélio Campolina. *Estado e Capital Estrangeira na Industrialização Mineira*. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1981
- DULCI, Otávio Soares. *Política e Recuperação Econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1989
- GONÇALVES NETO, Wenceslau. *Estado e Agricultura no Brasil. Política agrícola e Modernização Econômica Brasileira 1960-1980*. São Paulo, Editora Hucitec, 1997
- HOUAISS, Antônio. *Arte e Indústria*. Rio de Janeiro, Libris Editora, 1992
- LAKATO, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia Científica*. São Paulo, Editora Atlas, 1985
- LUZ, Nícia Vilela. *A luta pela industrialização do Brasil*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961
- MEDEIROS, Lucília Atas. *1969-1999 Instituto Euvaldo Lodi 30 anos de parceria Universidade-Indústria*. Brasília, IEL, 1999
- MOURÃO, Eliana. *O desafio vem das montanhas*. Belo Horizonte, SDC, 1989
- _____. *A mágica das reuniões. História do Conselho Regional do SENAI em Minas Gerais*. Belo Horizonte, SENAI-MG/SCD, 1998

- PIMENTA, Cleuza Lúcia. *Estilos de Liderança e seus impactos nos resultados de equipe*. Belo Horizonte, UFMG, 2000. Monografia apresentada ao curso de Especialização em Gestão Estratégica
- PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1965
- SALDANHA, Mila. *Um sonho realizado*. Histórico do SENAI/Uberlândia, 2000
- SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. São Paulo, Martins Fontes, 1999
- SERRA, José. *Ciclos e Mudanças Estruturais na Economia Brasileira do Pós-Guerra*. In: *Desenvolvimento Capitalista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo, Cortez Editora, 1984
- TAVARES, Maria da Conceição. *Da substituição de importações ao capitalismo Financeiro*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979
- A CONSTRUÇÃO DO HOMEM: MEMORIAL SEIS ANOS. Sistema FIEMG, Belo Horizonte, 1994.

FONTES

- INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal de Uberlândia. 2000
- JORNAL O CORREIO
- JORNAL O TRIÂNGULO
- JORNAL ESTADO DE MINAS
- REVISTA MINAS EDUCAÇÃO
- FITA DE VÍDEO: COMEMORAÇÕES DOS SESSENTA ANOS DE CRIAÇÃO DO SENAI – Brasília/DF, 2002
- FITA DE VÍDEO: UBERLÂNDIA-O CENTRO DO PROGRESSO BRASILEIRO

RO. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo